

OFICINA *HOQ?*: QUADRINHOS E OUTRAS HISTÓRIAS: UMA EXPERIÊNCIA DE INDISSOCIABILIDADE ENTRE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NA PERSPECTIVA DA REORIENTAÇÃO CURRICULAR

Priscila Pereira Machado¹
Jessica Freitas²
Marjorie Guedes³

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de apresentar a experiência e os resultados da oficina executada pela equipe do educativo da exposição curricular *HoQ? Quadrinhos Independentes Nacionais*, que trabalhou com turmas de 4º e 5º anos do Ensino Fundamental, os elementos linguísticos presentes na produção de quadrinhos. Pretende ainda analisar essa ação desenvolvida, como uma experiência integradora em que os principais pilares da universidade brasileira ensino – pesquisa – extensão estão presentes de forma indissociável. Isto trouxe reflexões sobre a necessidade da reorientação dos planos disciplinares na formação discente e da construção de processos de interação entre a universidade e a sociedade.

Palavras-chave: Museologia. Histórias em Quadrinhos. Educação. Indissociabilidade ensino – pesquisa – extensão. Reorientação Curricular.

ABSTRACT

This article presents the experience and results from the workshop done by the educational staff from the curricular exposure *HoQ? Quadrinhos Independentes Nacionais* that worked with the linguistic elements presents in comics' production with 4th and 5th years classes from Primary School. It pretends yet to analyze the action developed as an integrated experience where the main pillars from Brazilian universities, knowledge – research – extension, made themselves presents in a inseparable. Bringing reflections in the needing of reorientation of disciplinary plans on the students' graduation and the construction of interaction processes between the university and the society.

Keywords: Museology; Comics; Education; Inseparability knowledge – research – extension; curriculum reorientation.

¹Bacharel e licenciada em História pela Universidade de Brasília – UnB e graduanda do curso de Museologia da Universidade de Brasília – UnB, pryacubo@gmail.com

²Graduanda do curso de Museologia da Universidade de Brasília – UnB, jessicafreitas228@gmail.com

³Graduanda do curso de Museologia da Universidade de Brasília – UnB, mah.museologia@gmail.com

1 Introdução

A implantação do curso de Bacharelado em Museologia da Universidade de Brasília, em 2009, ocorreu dentro de um contexto de valorização do museu como área científica e espaço de atuação cidadã. O curso, de natureza inter e multidisciplinar, congrega em seu currículo disciplinas conjuntas à Ciência da Informação, Antropologia, História, Artes Visuais e é estruturado em quatro eixos: Teoria e Prática Museológica; Museologia e Informação; Museologia e Patrimônio Cultural e Preservação e Conservação de Bens Culturais.

A abordagem pedagógica do eixo *Teoria e Prática Museológica* tem como foco um trabalho teórico-prático, onde o laboratório em museografia esta inserido. As disciplinas *Museologia e Comunicação 3 e 4* da grade curricular do curso, propõem como trabalho final, a organização de exposição curricular sobre tema a ser definido pela turma, proporcionando aos alunos um espaço de experimentação no processo de elaboração, aplicação e desenvolvimento de projetos expográficos. Essa ação está em consonância com as Diretrizes Curriculares estabelecidas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) para o Curso de Museologia, que dentre as competências e habilidades propostas, estabelece que o curso deve proporcionar em sua matriz curricular conteúdos que explorem as dimensões de planejamento e desenvolvimento de exposições e programas educativos e culturais⁴.

O estudo dessas disciplinas suscitou a realização de uma pesquisa sobre o tema histórias em quadrinhos (HQs) e sua relação com o processo educacional, e requereu da equipe o estabelecimento de parcerias com artistas e instituições educacionais externas à universidade. O resultado desse processo culminou, entre outras ações, na realização da oficina “HoQ? Produção de Quadrinhos e seus Elementos Linguísticos”, com alunos do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental. A oficina, mesmo tendo origem no eixo do ensino por ser produto de uma disciplina, tem forte interligação com os outros eixos de atuação universitária. Os resultados dessa ação subsidiaram a elaboração do projeto expográfico que compôs a programação educativa da exposição curricular

HoQ?, Quadrinhos Independentes Nacionais, idealizada pela turma do 6º semestre do curso de Museologia da Universidade de Brasília.

Este artigo foi construído com o intuito de divulgar a oficina precursora da exposição expográfica, apontar a relação de indissociabilidade entre ensino – pesquisa e extensão intrínseca a essa ação, bem como evidenciar aspectos que conduzem ao aprofundamento do tema da indissociabilidade.

2 Da indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão

A universidade é um espaço formativo que estimula o indivíduo à construção compartilhada de pesquisas, experimentações e conteúdos que devem ser trabalhados de forma integrada. A inexistência dessa integração gera estagnação e isolamento institucional, quando não a perda da identidade plural e social das ações acadêmicas. Boaventura de Sousa Santos traz reflexões sobre o papel da formação relacionada à função social das universidades e sua missão de aprimoramento do indivíduo:

No momento em que o capitalismo global pretende funcionalizar a universidade e, de facto, transformá-la numa vasta agência de extensão ao seu serviço, a reforma da universidade deve conferir uma nova centralidade à atividades de extensão e concebê-la de modo alternativo ao capitalismo global, atribuindo às universidades uma participação ativa na construção da coesão social, no aprofundamento da democracia, na luta contra a exclusão social e a degradação ambiental, na defesa da diversidade cultural. (SANTOS, 2005.p.53).

Nessa perspectiva, a missão fundamental da universidade que é a formação multiprofissional qualificada⁵, só é viabilizada quando as atividades acadêmicas são planejadas e desenvolvidas de forma significativa e acessível à sociedade. Sendo assim, a Extensão Universitária se torna um centro catalisador da parceria entre universidade e a sociedade. De acordo com Oliveira e Garcia a Extensão pode ser vista como:

⁴Diretrizes Curriculares para o Curso de Museologia. Parecer Conselho Nacional de Educação - CNE / Câmara Superior de Educação – CSE 492/2001, p.37

⁵São diversos os entendimentos sobre a principal missão da Universidade, para Luiz Antônio Cunha (1989) o ensino e a extensão são desdobramentos da pesquisa, isso porque o autor entende que o papel da universidade consiste na produção e disseminação de conhecimento, cultura e tecnologia, que só ocorrem por meio da pesquisa acadêmica

Um espaço privilegiado para viabilizar a interação do social e do institucional, em variadas e amplas dimensões, a fim de difundir e construir novos conhecimentos... A extensão, hoje, articula um processo educativo, cultural e científico, ao lado do ensino e da pesquisa, gerado pelas possibilidades e pela força articuladora que está na natureza das ações nascidas das relações sociais e comunitárias. (SANTOS apud OLIVEIRA e GARCIA, 2010, p.12).

Partindo desse conceito, observa-se a atuação da Extensão Universitária como processo acadêmico, indissociável do ensino e da pesquisa, em que por meio da interação com a sociedade são disponibilizados os conhecimentos adquiridos na formação acadêmica. Essa interação possibilita aos discentes uma formação profissional solidária, onde a teoria e a prática se interligam e ultrapassam as salas de aula, permitindo o aprendizado pelo confronto direto com as realidades sociais e a aplicação experimental dos conhecimentos na perspectiva da mediação e do exercício da cidadania ativa.

No entanto, para a adoção efetiva do princípio da indissociabilidade, de acordo com as diretrizes do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX), é necessário que a Universidade esteja preparada para repensar seus princípios e aplicações, e principalmente, disposta a repensar seus Planos Políticos e Pedagógicos, de forma a assegurar a revisão e o alinhamento dos projetos e grades curriculares com as políticas educacionais e sociais. Nesse contexto, o currículo⁶ se torna o canal que expressa a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; todavia, para isso, ele (o currículo) não pode ser cerceado por um conceito fechado, mas visto como uma ação construída cotidianamente pelos professores e alunos, absorvendo uma característica essencial para sua atuação como meio integrador: a flexibilização.

O FORPROEX, composto por representantes de instituições de ensino superior de todas as regiões do país, estabelece princípios norteadores para flexibilização curricular a serem implementados nos projetos políticos pedagógicos dos cursos de graduação, com o objetivo de estreitar os laços entre os eixos universitários por meio de experiências cotidianas no contexto universitário. Dentre as diretrizes destacam-se: “a especificidade de

cada curso ira definir a flexibilização pretendida”; e “o desenvolvimento de ações pedagógicas ao longo do curso deve permitir interface real entre os eixos de ensino – pesquisa e extensão” (2006. p. 15). No entanto, o que se observa na prática universitária é que ainda hoje persiste a fragmentação entre esses eixos, evidenciada pela hegemonia do ensino e da pesquisa em detrimento da ação integradora da extensão reduzindo, assim, o projeto da indissociabilidade a uma teoria isolada da práxis.

A proposta de curso das disciplinas *Museologia e Comunicação 3 e 4*, pode ser depreendida como uma experiência de indissociabilidade inserida no currículo formal de um curso de graduação. A inclusão de ações de pesquisa e extensão como parte integrante de disciplinas curriculares, apesar de prática comum em diversos cursos, não é reconhecida como tal por diversas unidades acadêmicas; isso ocorre, de acordo com Santos (2010), devido à especificidade de cada curso e a multiplicidades de experiências vividas no processo de ensino, que por vezes impedem o reconhecimento dessas ações curriculares como experiências inovadoras na consolidação do processo de inter-relação entre ensino, pesquisa e extensão.

As disciplinas retrocitadas apresentam em seu conteúdo programático práticas e conteúdos que abordam a indissociabilidade de conhecimentos como base das intervenções acadêmicas nos processos sociais. Nessa metodologia disciplinar, observa-se que a dimensão da pesquisa permeia as disciplinas de modo integrador. Após a escolha do tema, a turma se dedica a uma pesquisa sistemática visando a definição dos conceitos, conteúdos, e obras relacionadas aos recortes do Projeto Expográfico. Essa é uma experiência singular, que permite ao aluno transitar pelas ênfases acadêmicas na dimensão do coletivo, preservando as peculiaridades dos desenvolvimentos individuais.

Percebe-se, ainda, nesse processo que a materialidade da extensão se apresenta pelos produtos da pesquisa realizada. A execução da exposição curricular e desdobramentos como oficinas e palestras componentes do programa, forma um conjunto de ações extensionistas aberto à comunidade interna e externa à universidade. Trazendo temas de vivo interesse social, essas ações atraem parcerias com artistas e outras instituições públicas e privadas, em clara evidência de fomentos e interlocuções interinstitucionais.

Adotada essa dinâmica, que absorve novo

⁶De acordo com o FORPROEXT (2006. P. 35): “Currículo é tudo que se faz ou se vivencia em uma instituição”

conceito de sala de aula não restrito ao espaço físico tradicional, todos os espaços dentro ou fora da universidade passam a ser percebidos como fontes de conhecimento, inovações e trocas. Nesse contexto, “o eixo professor – estudante é substituído pelo professor – estudante – comunidade, tornando tanto aluno como a comunidade participante ativos do processo, e não apenas receptores.” (FORPROEXT, 2012. P.18).

Foi nessa perspectiva de protagonismo estudantil que a oficina HoQ? fundamentou o seu planejamento e execução. A avaliação desse trabalho possibilitou reflexões do grupo quanto à importância de práticas disciplinares integradas a temas transversais, que permeiem todas as ênfases universitárias e tragam impactos positivos para a formação discente, permitindo a projeção do estudante como sujeito social ativo.

3 Oficina HoQ?: Abordagem metodológica e experiência social

Fruto de um trabalho construído durante dois semestres letivos, a oficina HoQ? foi realizada na Escola Classe 2, do Guará I, com estudantes do 4º e 5º anos do Ensino Fundamental (com média entre 9 e 11 anos de idade). A ideia da oficina surgiu da necessidade de se empreender uma ação educativa fora do espaço expositivo, uma vez que a exposição *HoQ? Quadrinhos Independentes Nacionais*, apresentada no ICC Norte da UnB, foi concebida para a classificação indicativa de 18 anos.

O ponto base para planejamento e desenvolvimento da oficina foi a abordagem progressista libertadora de Paulo Freire e a legislação educacional pertinente ao assunto. A primeira, ressalta a importância da “construção do conhecimento a partir do diálogo entre educandos e educadores mediados pela realidade onde vivem, ou seja, o conteúdo, para ser significativo, deve ser extraído do cotidiano dos sujeitos envolvidos na aprendizagem” (VALENTE. 2001/2002. p. 8-9),

respeitando habilidades e limitação de cada um. A segunda, se refere à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), publicada em 1996, e os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN de Língua Portuguesa, que recentemente classificaram os quadrinhos como uma ferramenta pedagógica a ser utilizada no ensino formal para incentivar a inclusão de outras linguagens e manifestações artísticas no processo educacional.

O desafio da oficina foi levar para a Educação Infantil um pouco da produção de quadrinhos independentes⁷, e a de realizar uma ação educativa na qual o centro gerador de conhecimento fosse a linguagem e os elementos que integram essas produções. À medida que o processo foi sendo construído, mostrou-se necessário a realização de pesquisas sobre a relação entre quadrinhos e educação, de forma a subsidiar a escolha e conceitos e produções relevantes e acessíveis à faixa etária das turmas⁸. Durante o processo de pesquisa, descobriu-se que a relação entre quadrinhos e educação nem sempre foi amigável, sendo que durante décadas os quadrinhos foram estigmatizados e excluídos do contexto educacional. De acordo com Djota Carvalho:

No Brasil, já em 1928, surgiram as primeiras críticas formais contra as historinhas: a Associação Brasileira de Educadores (ABE) fez um protesto contra os quadrinhos, porque eles “incutiam hábitos estrangeiros nas crianças”. Na década seguinte, em 1939, diversos bispos reunidos na cidade de São Carlos (SP) deram continuidade à xenofobia, propondo até mesmo a censura aos quadrinhos, porque eles traziam “temas estrangeiros prejudiciais às crianças”. (CARVALHO, 2006, p.32)

Tomando por base esse dado, a oficina foi construída com o intuito de proporcionar aos professores e alunos maior aproximação com o universo das histórias em quadrinhos e seus elementos linguísticos, ampliando assim as formas de expressão e comunicação utilizadas em sala de aula. A proposta, de caráter interdisciplinar, integrou

⁷Os quadrinistas independentes não estão vinculados a grandes editoras e têm sua produção feita em pequenas tiragens, pelas quais eles se responsabilizam por todas as etapas de produção. Os temas abordados, em grande parte dessas publicações, são direcionados ao público adulto.

⁸Esse trabalho de pesquisa também possibilitou a criação do material de apoio ao professor O Lugar dos Quadrinhos na Escola, em que os profissionais de Educação podem encontrar um pouco sobre a história dos quadrinhos, suas características e possibilidade de uso no contexto educacional, disponibilizando ainda link de acesso a quadrinhos digitais e banco de atividades. Esse projeto se deu pelo reconhecimento os novos desafios que o trabalho com quadrinhos traz ao professor em sua prática pedagógica, tornando-se pré-requisito para a utilização dessa ferramenta um conhecimento básico sobre essa linguagem

de forma mais enfática as disciplinas Português e Artes, incentivando a leitura e a produção de textos narrativos e o trabalho com perspectiva, movimento e composição de desenhos.

Para a realização dessa atividade foram formados na escola quatro grupos de 6 alunos cada, com a ideia de formar um espaço coletivo de produção. No primeiro momento foi promovido um bate-papo entre os alunos e os quadrinistas Daniel Lopes e Matheus Gandara, que falaram sobre suas experiências com o mundo dos quadrinhos e mostraram aos alunos parte de sua produção. Esse contato com artistas locais e a produção deles foi uma estratégia para incentivar e motivar a participação dos alunos. Em seguida, os aplicadores, por meio de perguntas e interpretação de imagens, desenvolveram uma conversa interativa com as turmas, por meio da qual mediram o conhecimentos deles sobre o tema dos quadrinhos. Também foram aplicados exercícios de fixação centrados em elementos linguísticos e icônicos comuns em quadrinhos e o processo de interpretação de imagens e textos, conforme descritos a seguir.

Exercício 1: cada grupo recebeu uma cartolina que trazia conceitos dos principais elementos utilizados em histórias em quadrinhos: tempo; onomatopeia, metáforas visuais; enquadramento; balão e linhas cinéticas. Em separado, foi entregue a cada grupo um envelope com quadrinhos e imagens que deviam ser associadas aos conceitos da cartolina. Esse exercício (Fig. 1 e 2) trabalhou a fixação dos elementos e estimulou a leitura e a interpretação de texto de forma lúdica.



Figura 1 – Exercício 1 da oficina de HoQ?



Figura 2 – Exercício 1 da oficina de HoQ?

Exercício 2: cada aluno recebeu uma folha A4 com duas atividades: a primeira atividade pedia que os alunos escolhessem três figurinhas de um mesmo personagem e montasse uma tirinha com essas imagens; a segunda atividade pedia que os alunos transformassem uma frase, geralmente com um verbo de ação, em uma tirinha que só contivesse desenhos (Fig. 3 e 4). Essas atividades estimularam o processo de construção de uma narrativa por meio de imagens, rompendo com a ideia de que quem conta a estória é o texto, e o desenho é apenas acessório.

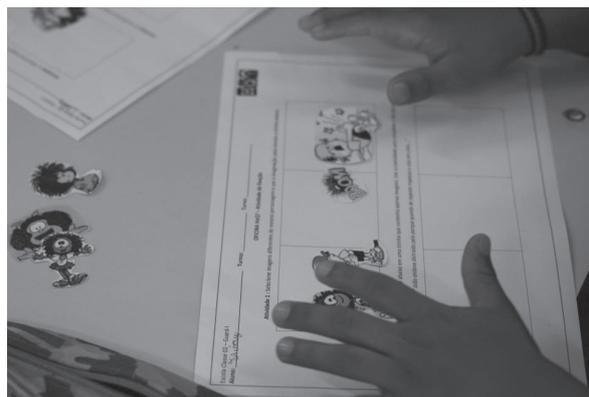


Figura 3 - Exercício 2 dois da oficina de HoQ? - Foto: Acervo do projeto



Figura 4 - Exercício 2 dois da oficina de HoQ? - Foto: Acervo do projeto

O terceiro e último momento (Fig. 5 e 6) foi o da elaboração de uma revistinha com histórias relacionadas a temas então sorteados, o que possibilitou uma experiência coletiva de produção de quadrinhos, parecida com a realizada pelos diversos coletivos de quadrinistas independentes. Parte desse material foi exposto na Exposição HoQ? Quadrinhos Independentes Nacionais, ocorrida em novembro/2014 no ICC Norte- Minhocão da UnB.

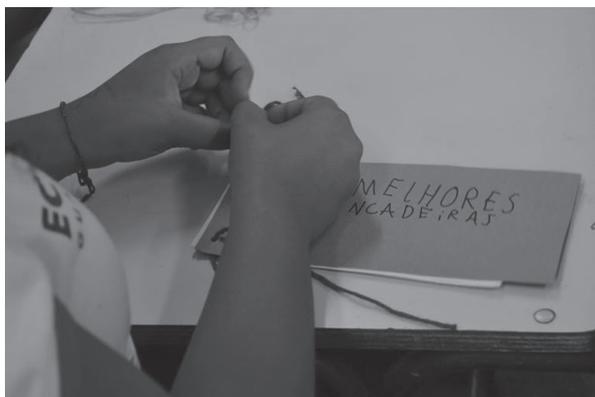


Figura 5 – Construção da revistinha e divulgação no espaço da oficina. Foto: Acervo do projeto



Figura 6 – Construção da revistinha e divulgação no espaço da oficina. Foto: Acervo do projeto

Os desdobramentos da oficina não resultaram somente em itens para o acervo da Exposição Expográfica, ou em uma “aula especial na escola” mas, principalmente, constituiu-se como uma relação de troca de saberes e experiências que só é proporcionada pelo trabalho com a Extensão, como ressalta Silva: “a universidade, através da extensão, influencia e também é influenciada pela comunidade, ou seja, há uma troca de valores entre a universidade e o meio” (SILVA, 1997).

O espaço de experimentação proporcionado pelo planejamento e execução da oficina HoQ? possibilitou o trabalho com competências e habilidades desenvolvidas durante o curso de Museologia, que até então não haviam sido utilizadas de forma prática. O papel do museólogo como um agente de educação é ressaltado pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), que recomenda que o educador de museus conheça os processos de ensino, de aprendizagem, e de teorias da educação e comunicação, sendo necessário que sua formação se dê de forma inter e multidisciplinar. Essa função esta em consonância com a perspectiva da museologia social, que incentiva esse profissional a resignificar, juntamente com a sociedade, os espaços museológicos. A declaração de Santiago (1972 UNESCO /ICOM) nos traz essa abordagem:

Que o museu é uma instituição a serviço da sociedade da qual é parte integrante e que possui em si os elementos que lhe permitirem participar na formação da consciência das comunidades que serve; que o museu pode contribuir para levar essas comunidades a agir, situando a sua actividade no quadro histórico que permite esclarecer os problemas atuais.” (UNESCO. 1972. p.02)

Nessa perspectiva, a importância de discentes do curso de Museologia tomarem a frente em ações como essa, materializa-se na possibilidade de colocar em prática os conhecimentos adquiridos durante sua formação enriquecendo, assim, o entendimento quanto aos conteúdos por meio de uma experiência social que traz significação ao seu aprendizado.

4 Considerações finais

Adotar na grade curricular das Unidades Acadêmicas (UA) da UnB, disciplinas que exigem o grau de dedicação necessário para realização de ações como a descrita nesse artigo é um desafio que somente se tornará viável se houver o reconhecimento e a defesa, em nível dos colegiados das UA, de um projeto diferenciado de curso que ofereça condições de atuação ao corpo docente e discente.

Para isso é fundamental uma reordenação curricular que, além de garantir créditos curriculares condizentes com as atividades exigidas e os recursos financeiros para a implementação desses projetos, também reconheça a interface que a disciplina traz quanto aos outros pilares da universidade, principalmente o da Extensão Universitária. Propõe-se, assim, como alternativa para a situação a implementação de créditos complementares em extensão de forma integrada aos créditos regulares dessas disciplinas, opção viável e prevista na Resolução nº 87/2006 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da UnB, que além de legitimar as ações de extensão decorrentes do curso, também proporcionaria aos alunos comprovação curricular de atuação na Extensão Universitária.

Todavia, essa perspectiva integradora não é prioridade na pauta de discussões de parte significativa dos colegiados, que ainda hoje, não reconhecem a extensão como importante vetor de formação profissional e acadêmica, mas apenas como um meio para prestação de serviços, como afirma Santos:

No contexto da prática, as universidades ainda não conseguiram ultrapassar as concepções tradicionais de extensão universitária relativas à disseminação do conhecimento, prestação de serviços ou difusão da cultura. Contudo, considera que, embora a extensão tenha sido reconhecida nos planos institucionais da universidade, ainda não ultrapassou a ideia de função destinada à prestação de serviços. (SANTOS et al. 2005. p. 95)

É por esse contexto que se torna imprescindível o relato de experiências como a da oficina HoQ?, que por terem sua origem em disciplinas curriculares, por vezes não ganham a visibilidade e o reconhecimento como ações inovadoras que integram, de forma indissociável o ensino, a pesquisa e a extensão

universitária e, ao mesmo tempo proporcionam aos envolvidos uma atuação que humaniza e traz relevante significado social à formação acadêmica.

Referências

- AVELAR, Távita de; RODRIGUES, Cleide Aparecida Carvalho. **A interdisciplinaridade nas histórias em quadrinhos**. UFMG. 2014. Disponível em: <http://www.rtve.org.br/seminario/4SeminaroAnais/PDF/GT1/gt1-3.pdf>. Acesso em: 05/10/2014.
- BRASIL, Secretaria de Ensino Fundamental (1998b). Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, 3º e 4º Ciclos do Ensino fundamental. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília - MEC/SEF. Brasília, 1997. Disponível em: <http://cptstatic.s3.amazonaws.com/pdf/cpt/pcn/volume-02-lingua-portuguesa.pdf>. Acesso em: 03/12/2014.
- BRASIL. Senado Federal. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 9394/96. Brasília: 1996. Disponível em: <http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/17820>. Acesso em: 03/12/2014.
- BRASIL. Resolução nº 87/2006 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da UnB. 2006. Disponível em: http://www.unb.br/administracao/decanatos/deg/downloads/circ_resol/87_2006.pdf. acesso em: 04/12/2014.
- CUNHA, Luiz Antônio. **Qual Universidade?** São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989.
- Diretrizes Curriculares para o Curso de Museologia. Parecer Conselho Nacional de Educação - CNE / Câmara Superior de Educação – CSE 492/2001, p.37. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf>. Acesso em: 03/12/2014.
- FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. Indissociabilidade ensino–pesquisa–extensão e a flexibilização curricular: uma visão da extensão. Porto Alegre: UFRGS; Brasília: MEC/SESu, 2006.
- _____. Plano Nacional de Extensão Universitária. FORPROEX. Encontro de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas do Brasil. Manaus, 2012. Disponível em: <http://www.proec.ufpr.br/downloads/extensao/2012/legislacao/Politica%20Nacional%20de%20Extensao%20Universitaria%20maio2012.pdf>> Acesso em: 03/12/2014.
- SANTOS, Boaventura de Souza. A Universidade no Século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade. São Paulo: Cortez, 2005. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/bss/documentos/auniversidadedosecXXI.pdf>. Acesso em: 03/12/2014.
- SANTOS, Adilson Pereira dos; LIMA, Angélica Alves; CARRILO, Maria Ruth G. Gaede; SOUZA, Neide das Graças de. Extensão: uma ferramenta para a flexibilização curricular e a construção social do conhecimento. **In Revista da Rede de Avaliação Institucional da Educação Superior**. 2005. Disponível em: http://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/1095/1/ARTIGO_Extens%C3%A3oFerramentaFlexibilidade.pdf. Acesso em: 04/12/2014.
- SANTOS, Marcos Pereira dos. Contributos da Extensão Universitária Brasileira à formação acadêmica docente e discente no século XXI: um debate necessário. **In Revista Conexão – UEPG**, vol. 6. Nº1, 2010. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/conexao/article/viewFile/3731/2622>. Acesso em: 03/12/2014.
- SOUZA, Jairo Rodrigues de Souza. **A utilização das Histórias em Quadrinhos no âmbito da inter e multidisciplinaridade como recurso pedagógico na educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental**. Peruipe. 2011. Disponível em: file:///C:/Users/00763229121/Downloads/Jairo_Rodrigues_de_Souza_TCC_TEXTO_FINAL.pdf. Acesso em: 05/10/2014.
- KÖPTCKE, Luciana Sepúlveda. Analisando a dinâmica da relação museu-educação-formal. In: O formal e o não-formal na dimensão educativa do museu. Rio de Janeiro: Museu da Vida: MAST, 2001-2002. p. 16-25. (Caderno do Museu da Vida).
- NUNES ALF, Silva MBC. A extensão universitária no ensino superior e a sociedade. *Mal-Estar e Sociedade*. 2011; 4(7): p. 119-133.
- VALENTE, Maria Esther Alvarez. A Educação em Ciências e os Museus de Ciência. **In Caderno de Museu da Vida: o formal e o não formal na dimensão educativa do museu**. 2001/2002.

UNESCO / ICOM. Declaração de Santiago do Chile. 1972. Disponível em: <http://www.minom-portugal.org/documentos-de-referencia/6-declaracao-de-santiago-do-chile-unescoicom/3-declaracao-de-santiago-do-chile-1972.html>. Acesso em: 08/12/2014.

Recebido em: 11/12/2014

Aprovado em: 16/12/14